

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE BELAS ARTES UFMG  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEATRO  
BACHARELADO

Márcio Jorge Alves Cardoso De Melo

**O mascaramento e sua composição entre o autobiográfico ativado por discos de vinil e o  
alter ego de performers musicais**

Belo Horizonte  
2021

MÁRCIO JORGE ALVES CARDOSO DE MELO

**O mascaramento e sua composição entre o autobiográfico e o alter ego de performers  
musicais (disco de vinil)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teatro da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de bacharelado em interpretação teatral.

Orientadora: Prof. Dra. Bya Braga (Maria Beatriz Braga Mendonça)

BELO HORIZONTE  
2021

Dedicado a

Sua Divina Graça

A.C. Bhaktivedanta Swami Srila Prabhupāda,

Ācārya-fundador da

Sociedade Internacional da Consciência de

Krishna

Aos mestres das ruas, meus guias materiais e  
espirituais!

À Suprema Personalidade de Deus Sri Krishna;

Ao Senhor do universo Jagannatha;

om ajnāna-timirāndhasya jñānāmjama-salākaya  
caksur unmilitam yena tasmai sri-gurave namah

Ofereço minhas respeitosas reverências a meu mestre espiritual que, com o archote do conhecimento, abriu meus olhos que estavam cegos por causa da escuridão da ignorância;

sri-caitanya-mano-‘bhistam sthāpitam yena bhu-tale  
svayam rupah kadā mahyam dadāti sva-padāntikam

Quando Srila Rupa Gosvami, que dentro deste mundo material estabeleceu a missão para satisfazer o desejo do Senhor Caitanya, me dará refúgio em seus pés de lótus?

nama on visnu-padaya krsna-presthāya bhu-tale  
srimate bhaktivedānta-svāmin iti nāmine

Ofereço minhas respeitosas reverências à Sua Divina Graça A.C Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, que é muito querido pelo Senhor Krishna, pois se refugiou em Seus pés de lótus;

namas te sārāsvate deve gaura-vāni-pracārine  
nirvīśa-sunayavādi-pāścātya-desa-tārine

Dirigimos a ti nossas respeitosas reverências, ó mestre espiritual, servo de Sarasvati Gosvāmi. Estás bondosamente espalhando a mensagem do Senhor Caitanyadeva e libertando os países ocidentais, que estão cheios de impersonalismo e niilismo;

namo om visnu-pādāya  
krishna-presthāya bhutale  
srimate param gati svāmin  
iti nāmine

Ofereço minha respeitosa reverência à sua divina graça, Param Gati Maharāja, que é muito querido pelo Senhor Krishna nesta terra, tendo se abrigado aos seus pés de lótus;

namas te srestha-silāya  
gaura-sakha-rohayate  
sankirtana-nisthitāya  
prabhupāda-mrdayate

Ofereço minha respeitosa reverência a você, cujo caráter é mais perfeito, que deixa o grupo do Senhor Caitanya seguir crescendo, que está constantemente envolvido em sankirtana e que faz feliz Srila Prabhupāda.

## **RESUMO**

Este presente artigo busca apresentar uma investigação acerca da composição do mascaramento expandido (mascaramento além do rosto) dentro de uma imersão, estudos, referências musicais, teatrais e performativas partindo da minha própria coleção de discos de vinil. O princípio metodológico da pesquisa performativa realizada é a sua sistematização motivada pela prática artística autobiográfica. Esta é aqui apresentada como um potente caminho de investigação no campo cênico trazendo à tona minhas memórias e minhas histórias de vida para uma elaboração performativa. No panorama do autobiográfico, apresento uma diversidade de personas por meio de minha própria experiência, minhas fontes de composição artística e de experiências pessoais, pretendendo identificar dentro delas o mascaramento expandido na criação do alter ego. Estimulado pelos discos de vinil (sonoridade, formato físico, artes das capas, historiografia) pretendo expor brevemente como artistas musicais que pesquiso transitam entre a performance em suas apresentações mascaradas e o alter ego.

Palavras-chave: Mascaramento expandido; Alter ego; Discos de vinil; Autobiografia; Performance.

## INTRODUÇÃO

O período histórico catastrófico em que inicio essa pesquisa que é o de acometimento mundial da pandemia da COVID-19 que no Brasil atualmente (março de 2021) já ultrapassa 300.000 mortes. Esta pesquisa se inicia por dois movimentos, o primeiro movimento é posto por pesquisas realizadas anteriormente<sup>1</sup> por mim sobre o autobiográfico muito além do narrar minha própria vida documentalmente. Ele se dá no entrelaçamento do autobiográfico e do fazer artístico. Este meu interesse partiu do desenvolvimento de trabalhos artísticos por meio do autobiográfico, que poderiam trazer relações e conexões entre minhas experiências com as experiências de outras pessoas.

Para este trabalho, continuo uma pesquisa performativa por uma aproximação do autobiográfico por meio das multiplicidades artísticas que trago como experimento, sendo os discos de vinil o ativador artístico escolhido nela.

No começo do isolamento social devido à pandemia, ampliei meu olhar para a casa onde resido, sua estrutura, seus móveis e seus objetos. E, nessa ampliação os discos de vinil saltaram. A coleção que tenho é de aproximadamente 3.000 discos de variados estilos musicais e épocas. Diferentemente dos meus livros, posso dizer que já escutei todos os meus vinis, mais de uma vez.

Trabalhar com os discos de vinil era um desejo antigo que, devido à rotina de estudante universitário de instituição pública, somado à instabilidade financeira constante, não me permitia tempo para parar em casa e ouvir os discos de vinil da forma que desejava. Com o isolamento social, vi a oportunidade de mergulho em experimentação e pesquisa desse material riquíssimo de informações. Meu ponto inicial na pesquisa aqui tratada é, portanto, os discos de vinil e, conseqüentemente, minhas relações com a coleção de discos que possuo, destacando aqueles dos quais me aproximo mais de modo autobiográfico.

A outra frente ou segundo movimento é a experimentação dos discos em ações performativas, uma pesquisa que os considera além do seu uso comum sonoro. Nesse trabalho, me aproximo, assim, do entendimento da performance como “ações metodicamente calculadas, conceitualmente polidas, que em geral exigem extrema tenacidade para serem levadas a cabo” (FABIÃO, 2009, p.237).

---

<sup>1</sup> Artigo publicado pelo link <https://periodicos.unifap.br/index.php/iaca/article/view/5683> onde descrevo a minha relação com o autobiográfico e a performance pela primeira vez. Link do meu portfólio onde consta registros de práticas em performance que tem como base o autobiográfico.

Trago a “ação” em performance por um recorte das várias possibilidades e significados que a palavra performance pode trazer. “Performance” é um termo inclusivo que pode ter significados no campo ritualístico, cotidiano, lúdico, no fazer artístico; como na dança, no teatro, visto por vários prismas conceituais e metodológicos, conforme aponta Richard Schechner (1988).

Para este trabalho o recorte é, portanto, na “ação em performance” trazendo o performer como autor do seu próprio script no qual o caráter autoral é o condutor.

Inicialmente, comecei a experimentar os discos de vinil além do ato de somente escutá-los, relacionando o seu fazer sonoro ao seu formato, suas cores, os encartes, da arte nas capas e a descrição feita dos músicos envolvidos, configurando uma “escuta positiva”<sup>2</sup>, em estado de jogo com o objeto.

Nessas experimentações notei que alguns músicos, utilizavam de outros recursos artísticos, além do canto ao “se apresentarem” no disco. Assim, os denominei aqui como *performers* musicais. Com eles, uma composição cênica performativa já era mostrada, seja por meio dos encartes de seus discos, sejam também pelos figurinos, maquiagens, máscaras e recursos gráficos que utilizados, em muitos casos, se expandiam em seus shows e videocliques.

Para o estudo aqui apresentado, iniciei então, uma observação de alguns artistas que utilizavam, e utilizam ainda, do “mascaramento” como possibilidade de expansão de seus trabalhos, tornando, assim, a própria visualidade de si, como um ato expandido, para além da cobertura do rosto e também para além de uma vocalização.

Esta compreensão de mascaramento eu pude aprendê-la em uma disciplina<sup>3</sup> que fiz sobre máscaras na graduação em teatro com a professora Bya Braga<sup>4</sup> dentro desta abordagem a noção de mascaramento se associa ao campo expandido da arte podendo assim ser tratado como mascaramento expandido pela referida professora.

No dicionário Houaiss, encontramos o verbete máscara: “artefato de papelão, pano, madeira, couro, etc com que se cobre o rosto para disfarce [...]” (2011) ou seja, máscara específica para

---

<sup>2</sup> “Escuta positiva” é um termo criado e usado didaticamente pela Prof<sup>a</sup> Bya Braga, aqui orientadora deste trabalho, buscando melhor definir o caráter de uma escuta aberta, ampliada e dentro de um jogo performativo. Trata-se, assim, de um modo de escutar inclusivo, na qual todos os sentidos buscam ser inseridos e também outras experiências. Este termo me foi informado nas atividades de orientação.

<sup>3</sup> “Use Máscara”, disciplina cursada na Graduação em Teatro na qual estudamos mascaramentos diversos de culturas e modos variados.

<sup>4</sup> Bya Braga (nome artístico/social de Maria Beatriz Braga Mendonça). Atriz e Diretora Teatral. Professora Associada da UFMG. Pesquisadora do CNPq (Artes-Teatro). Professora no Curso de Graduação em Teatro e no Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG, linha de pesquisa Artes da cena. Pós-doutora em Estudos da performance pelo Performance Studies Department, New York University (2018). Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO-RJ com estágio doutoral junto à Universidad Castilla-La Mancha, com supervisão do Prof. Dr. José A. Sánchez, e ao Instituto de Teatro-Barcelona/ES, com prática como pesquisa na Escola MOVEO-Centro de teatro físico e Mímica Corporal/Barcelona/ES - (<http://lattes.cnpq.br/6954218376000072>)

uma parte do corpo, o rosto. Pavis (2011) movimenta um pouco mais o termo máscara, o que é esperado para uma publicação teatral especializada, ampliando seu uso para além do rosto. Aproximo, então, o termo máscaras de um entendimento de máscara além do rosto, com influências em culturas já estabelecidas há muitos e muitos anos atrás como na cultura indígena, na cultura africana, na cultura oriental como um todo e com o passar dos anos isso se refere ao que identificamos como cultura popular. Esses povos citados já faziam do uso da máscara expandida em composições sociais, religiosas, políticas e de conexões com energias físicas ou sutis, terrestres, celestiais, divinas e demoníacas.

Essa característica da máscara além do rosto é o que mais se aproxima dos trabalhos artísticos que pesquisei nos discos de vinil e que servem de exemplo para este trabalho.

Assim, o mascaramento do rosto, ou o que entendemos por máscara, pode se ampliar e existir em outras possibilidades, conforme a ideia do mascaramento expandido.

Seguindo esta noção, pude então identificar performers musicais que utilizam, também, o termo “alter ego” que passei a considerar como uma ideia associada aquela do mascaramento expandido, pois trata-se da apresentação de uma persona para além do próprio artista. As identificações dos artistas pesquisados, que se apresentam através do “alter ego”, se deram pela investigação de suas próprias biografias, além de apresentações dos próprios artistas em reportagens, como também por meio de letras de suas músicas, videocliques e encartes de seus discos.

Encontrei também artistas musicais que transitam com a performance em suas apresentações dialogando com contextos sociais, coletivos e autobiográficos, ampliando, reafirmando ou subvertendo algo por meio do alter ego e do mascaramento.

Utilizando da memória pelo autobiográfico e suas influências em trabalhos artísticos, eu trouxe no processo da pesquisa, questionamentos como: existe um resgate da memória autobiográfica na construção do alter ego dos *performers* musicais? Como a partir do autobiográfico, acontece a construção do mascaramento do alter ego em um trabalho artístico?

Perante essas perguntas, percebi que seria difícil poder respondê-las com precisão, considerando a impossibilidade de um acesso direto aos próprios artistas pesquisados. Mesmo assim, considerei importante investigar as possibilidades da existência de uma memória autobiográfica na criação do alter ego dos performers musicais consultando os materiais que eu tinha disponíveis, especialmente, os discos de vinis de determinados artistas. E, assim, eu decidi também investigar como parecia acontecer a criação de seus mascaramentos em alter egos dentro de seus trabalhos artísticos, como já na própria imagem impressa deles nos encartes de seus discos, seja em vídeos ou ainda outros materiais.



Com a estrutura da pesquisa sendo desenvolvida dessa maneira e os questionamentos surgindo durante as ações experimentadas na performance em mim mesmo, resgatando minha memória e o meu convívio com estes materiais artísticos, percebi que havia, de fato, uma composição performativa sendo criada ativada pelos discos de vinil.

Pude trabalhar melhor o passado para uma resignificação do presente no modo performativo, pensando que o performativo, pode se aproximar do passado por dispositivos que são ativados pela memória. Diante disso, me oriento pelo viés da performance em propostas de escritas, ações corporais e imagens tornando essas propostas, performativas no presente.

## O PASSADO RESIGNIFICANDO O PRESENTE

Deparar-me com os discos de vinil depois de quase duas décadas colecionando-os, foi ver um desejo de adolescente se realizando e um desafio de criação com eles ao mesmo tempo. Desde o começo da formação da coleção, imaginava ter a oportunidade de pedir uma licença das rotinas da vida, para ficar por conta somente dos discos de vinil. Meu desejo era de ter o dinheiro do aluguel da casa em dia, um par de toca-discos de preferência da marca Technics mk2<sup>5</sup>, um mixer<sup>6</sup> de dois canais, uma caixa de som e meus discos.

O tempo acelerou, os anos foram passando e do desejo só restou a prática de colecionar os discos de vinil pois são objetos bem baratos e até outro dia esquecidos pelo grande público sendo considerados um objeto que ficou no passado. Com o confinamento devido a pandemia da COVID-19 me vi de frente a coleção com quase 3.000 discos de vinil onde percebi que era o momento de mergulho na escuta embora não tivesse os equipamentos que desejava no passado, mas que, naquele momento, o que tinha era o que me bastava ou seja um som 3 em 1 da marca CCE com duas caixas de som simples.

A escuta positiva, ampliada dos discos de vinil tudo o que eles traziam de material e memória nesse processo de confinamento, permitiu de uma forma ainda não experimentada ou percebida por mim, reativar mecanismos de reviver essência com que eu estava sentido e vivenciando no presente. Os discos de vinil agiram como ativador de encontro com o passado ressignificando o presente. A cada música uma lembrança de situações, de pessoas, lugares, fases da vida que surgiam no tocar da agulha com o disco de vinil. Tratam-se, portanto, de memórias que viriam a ser incorporadas em meu processo de investigação performativa do qual aqui trato. Neste ponto, destaco, assim, as lembranças provenientes das minhas vivências ativadas pelos discos de vinil, que servem de referências, contribuindo para a criação de um trabalho autobiográfico e de encontro com a performance. Exemplo delas são a minha relação com algumas músicas que escutava enquanto adolescente que me ajudaram a entender melhor na atualidade o vivido. A autora Bernstein (2001) nos traz como essas fronteiras do íntimo e do público se misturam e se distanciam no corpo do performer:

---

<sup>5</sup>Technics SL-1200 é uma série de toca-discos fabricados desde Outubro de 1972 pela Matsushita sob o pseudônimo de Technics. Originalmente lançado com um toca-discos de alta qualidade, rapidamente foi adotado por radialistas e disc jockeys.

<sup>6</sup> Em áudio profissional, mixer, console de mixagem, misturador ou mesa de som é um instrumento musical de formato analógico ou digital, usado para combinar várias fontes de som, de forma a somá-las em um único sinal de saída.

A razão dessa dificuldade em distanciar o performer de sua linguagem e gestos reside precisamente no fato de que na performance as funções do artista, autor e persona estão fundidas. Além disso, a fusão do autor e performer é ainda mais complicada pela imbricação do sujeito e do objeto, tanto pelo uso do corpo como um lugar de representação quanto pelo emprego frequente de material autobiográfico. (BERNSTEIN, 2001, P, 91)

O autobiográfico se estabelece, portanto, como um ponto de referência criativa para que o performer dê início a sua pesquisa e investigação. Pode acontecer também que, durante a ação performática esse material autobiográfico se mescle na temporalidade do passado presente tornando o corpo um lugar híbrido carregado de essências multifacetadas e atravessamentos. A sua história pessoal é desenvolvida no fazer artístico, reescrita, misturada no presente onde o performer reafirma e amplia sua relação com o mundo e com as suas subjetividades. Perazzo (2015) aponta que não se busca a verdade no ato da performance, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade e uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo construindo a sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo.

Aproximando, assim, das minhas fontes de composição e referências que abrangem meu autobiográfico, percebi que além dos discos de vinil existiam outros elementos artísticos que também escorriam dessa minha partilha de si. Trouxe da infância ensaios e preparações de shows que assistia onde minha madrastra Ana Lucia, trabalhava dirigindo e coreografando artistas de boates *night clubs*.<sup>7</sup> Eram show montados com temas diversos em performances solos com *covers* de Édith Piaf, Liza Minnelli, Charlie Chaplin, Carmen Miranda, realizados por mulheres cis e *drags queens*.

É na experiência do convívio com tais shows que atualmente identifico meus primeiros contatos com os fazeres artísticos da cena, me fazendo também aprender um modo performativo distinto. Já na adolescência e fase adulta os fazeres teatrais e os shows de artistas do cenário musical me influenciaram fortemente pelos nichos que transitava como do skate, meios musicais como do hip hop, grupos punks, grupos de funk, galeras de bairro, torcida organizada, galeras do pixo, ladrões, estelionatários e vários e vários personagens universos que compõem a rua o urbano. Com o passar do tempo e de vivências diversas pude observar que nessas trajetórias, acumulava uma diversidade de personas na qual me apresento até o presente momento da vida.

---

<sup>7</sup> São boates geralmente voltadas para um público de poder aquisitivo alto, onde o trabalho da prostituição é o chamativo da casa além dos shows artísticos e venda de bebidas. Geralmente as Night Club são pontos de encontro entre clientes e as mulheres que trabalham na prostituição e não necessariamente o trabalho acontece na própria boate. No texto, apresento o termo night club separado pois é como usualmente as casas noturnas ou boates usam aqui no Brasil. Existem versões em inglês da palavra nightclub sendo escrita junta.

A primeira delas era a persona *Jorginho* por conta do meu sobrenome Jorge onde as pessoas que me chamam dessa formas são parentes e quem me conhece desde criança; *Márcio*, como meu primeiro nome de batismo e de registro onde geralmente nomeado em escolas ou repartições públicas; *Bogus* ou *Márcio Bogus* apelido criado no convívio da rua e no mundo do pixo, aproximando do nome de um desenho animado que passava na televisão aberta e a personagem tinha o nariz avantajado como o meu; *Murari* ou *Murari Krishna* já foi um nome que adquiri em uma cerimônia de iniciação (batismo) pelo Movimento para a Consciência de Krishna<sup>8</sup>. E, por fim, *Márcio Murari*, persona que uso como nome artístico. Interessante que de todos esses vulgos o único que pude escolher foi o Márcio Murari que uso artisticamente pois todos os outros vulgos foram me dados ou pela família ou pela rua ou pela religião.

Essas personas nas quais me apresentei e me apresento no decorrer da vida também são repletas de subjetividades e modos de ser e estar em determinados grupos, em determinadas épocas e em determinados nichos. Os modos de estar e vivenciar o mundo por determinados pontos de vista, por determinados caminhos em construções e desconstruções sociais, culturais, econômicas, religiosas, territoriais e políticas. Como lembra Perazzo (2015), as narrativas autobiográficas buscam um vocabulário próprio, um organizar seu discurso de acordo com valores, sua forma de ver o mundo, sua constituição cultural (crenças, valores, hábitos) e sua história de vida (de onde veio, como se formou, quais suas trajetórias, por onde passou e com quem conviveu).

A importância do autobiográfico em um processo artístico, no que aproximo neste trabalho como atravessamento do autobiográfico e a performance são condutores que desaguam em encruzilhadas compartilhadas. Bernstein (2001) aponta que tanto a autobiografia quanto a performance são processos abertos, compreendendo uma miríade de formas possíveis

Talvez por esta razão, a performance solo tenha se tornado um meio tão privilegiado para investigações autobiográficas, abrindo novas possibilidades de representação do sujeito e de suas subjetividades.

Mas, o outro se torna também fundamental nessa partilha de si como Penny Arcade (1997) descreve:

Seu trabalho não é sobre sentir-se vítima, é sobre ser um alvo, como ela mesma coloca. Para Penny, o trabalho autobiográfico só faz sentido se pode conectar as suas experiências com as experiências de outras pessoas: “Eu não conto tudo como alguém

---

<sup>8</sup> Movimento Hare Krishna ou ISKCON – Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna, é um movimento fundado pelo grande santo do Século XX, Sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada em 1966, na cidade de Nova Iorque. Tem como base para a pratica auto-realização o cantar do mantra “Hare Krishna”.

faria numa confissão, eu conto apenas aquilo que me ancora ao mundo, aquilo que me torna semelhante aos outros, não aquilo que me faz diferente”. Tanto a autobiografia quanto a performance são processos abertos, compreendendo uma miríade de formas possíveis. Talvez por esta razão, a performance solo tenha se tornado um meio tão privilegiado para investigações autobiográficas, abrindo novas possibilidades de representação do sujeito. (ARCADE, 1997 apud BERNSTEIN, 2001, P, 102).

O entrelaçamento da autobiografia conduzida dentro de um processo artístico pela performance possibilita reagrupar o passado e experimenta-lo no presente com várias possibilidades e olhares que extrapolam o pensar e o estar cotidiano. É um processo de ressensibilização da partilha, da sensibilidade com o mundo e com as pessoas como conexão do sensível artístico.

## BEM VINDO BEM VINDA BEM VINDES AO SUBMUNDO

Uma das características do disco de vinil que foi incorporada em seguida pelo cd player e atualmente pelos meios virtuais são as artes na capa e os encartes. Até chegar na experiência sonora, somos convidados anteriormente ao universo do artista pelas capas dos discos. Fotografias, desenhos, colagens, dobraduras são um pouco do universo de recursos já utilizado pelos artistas visuais na realização das capas e dos encartes. É um mergulho visual que se alia à experiência sonora, aproximando o público da intenção e proposta do artista musical. E é nos encartes que vem descrita a ficha técnica de toda a produção visual e musical do trabalho.

Na continuidade dessa pesquisa criativa com os discos de vinil ampliei, assim, minha experiência sonora performativa autobiográfica voltando o olhar e abrindo a escuta para as capas e encartes dos discos.

Com a morte anunciada do músico que gosto bastante conhecido como Mf Doom <sup>9</sup> no final do ano de 2020, (foi anunciado em dezembro 2020 e familiares informaram que sua morte foi em outubro 2020) comecei a escutar bastante os dois discos de Mf Doom (FIGURA 1 e 2), que tenho. Além do sonoro, também comecei a ler os encartes de seus discos, analisar as capas e os significados dos desenhos e suas ligações com as músicas de cada disco e o próprio músico.



Fotos: 1) Mf Doom; 2) Mad Lib e Maf Doom

Nessa minha observação, me atentei muito nas formas de como Mf Doom performava em suas aparições e em seus shows. Fui para a plataforma *youtube* assistir seus videoclipes de músicas,

<sup>9</sup> Daniel Dumile, mais conhecido como MF DOOM, foi um rapper inglês naturalizado norte-americano. Começou a carreira como Zev Love X no KMD e após a morte de seu irmão, voltou para o mundo do rap como MF DOOM. Caracterizou-se por usar uma máscara, inspirada no personagem Doutor Destino.

shows gravados, entrevistas<sup>10</sup> e depoimentos, nesse momento reencontrei ou me chamou mais atenção o fazer artístico além da máscara exercido por Mf Doom.

Mf Doom utiliza uma máscara inspirada na personagem Doutor Destino, criada pela empresa Marvel em suas performances musicais e em todo o seu trabalho como músico mc.<sup>11</sup> de rap<sup>12</sup>.

Quase que no mesmo momento do fluxo do pensamento voltei para os demais discos de vinil e fui separando aqueles nos quais identificava o uso de máscara e de uma noção de máscara que conheci a pouco pela minha orientadora nesta pesquisa Bya Braga de máscara expandida<sup>13</sup> de Mf Doow, de Secos e Molhados<sup>14</sup>, de Pavilhão Nove<sup>15</sup>, de Daft Punk<sup>16</sup>, de Quasimoto<sup>17</sup>, de Tyler, The Creator<sup>18</sup> e David Bowie<sup>19</sup> (FIGURA 3,4,5 e 6).



Fotos: 3) Secos e Molhados; 4) Pavilhão 9; 5) Daft Punk; 6) David Bowie.

<sup>10</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=bcu831gmPrM> – Mf Doom - Respondendo Perguntas (Legendado) acessado em 23/03/2020 às 13:13

<sup>11</sup> Mestre de cerimônias ou MC, é o anfitrião de um evento público ou privado. Termo que popularizou para identificar cantores do estilo de música rap, funk e que se espalhou para outros estilos de música.

<sup>12</sup> Rap é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades Afrodescendentes nos Estados Unidos.

<sup>13</sup> “Mascaramento expandido” é uma noção aplicada e usada didaticamente pela Prof<sup>a</sup> Bya Braga, aqui orientadora deste trabalho, desenvolvendo pesquisas a partir da ideia de teatro e arte expandida. Trata-se, assim, de um modo de se observar a máscara ampliada além do rosto, ampliando para o corpo dentro de um jogo performativo. Referência direta e influência do termo utilizado pela artista visual, crítica e professora Rosalind Krauss quando a mesma expõe o conceito de arte expandida. Este termo me foi informado nas atividades de orientação.

<sup>14</sup> Secos & Molhados foi uma banda brasileira da década de 1970 cuja formação clássica consistia de João Ricardo, Ney Matogrosso e Gérson Conrad.

<sup>15</sup> Pavilhão 9 é uma banda brasileira de rap formada em São Paulo, em 1990. A banda tem letras políticas e de protesto, e vão além do formato DJ e MC, com uma banda.

<sup>16</sup> Daft Punk foi uma dupla francesa de música eletrônica formada em 1993, em Paris, na França, por Guy-Manuel de Homem-Christo e Thomas Bangalter.

<sup>17</sup> Quasimoto é um projeto paralelo do produtor de hip hop Madlib, de Oxnard, Califórnia. Quasimoto é composto por Madlib e seu alter ego animado Lord Quas. Lord Quas é conhecido por sua voz aguda, que muitas vezes interage com a voz regular de Madlib.

<sup>18</sup> Tyler Gregory Okonma, mais conhecido pelo seu nome artístico Tyler, the Creator, é um rapper, compositor, produtor musical, produtor de videocliques e designer norte-americano.

<sup>19</sup> David Bowie, nome artístico de David Robert Jones, foi um cantor, compositor, ator e produtor musical britânico.

Disco por disco, capa por capa e encarte por encarte fui pesquisando motivações e características de cada artista musical bem como o universo explorado nos respectivos trabalhos encontrando aproximações e distanciamentos no uso das máscaras.

Aproximo, então, o termo máscaras de um entendimento de máscara além do rosto, com influências em culturas já estabelecidas há muitos e muitos anos atrás como na cultura indígena, na cultura africana, na cultura oriental como um todo e com o passar dos anos isso se refere ao que identificamos como cultura popular. Esses povos citados já faziam do uso da máscara expandida em composições sociais, religiosas, políticas e de conexões com energias físicas ou sutis, terrestres, celestiais, divinas e demoníacas.

Essa característica da máscara além do rosto é o que mais se aproxima dos trabalhos artísticos que pesquisei nos discos de vinil e que servem de exemplo para este trabalho.

Alguns *performers* musicais farão uso, portanto, desse modo de mascaramento. Aqui passo a chamar os músicos do exemplo citado de *performers* musicais devido ao deslocamento que eles realizam ressignificando, dilatando, ou insurgir suas ações que transitam com a performance em suas apresentações.

Dos *performers* musicais que trouxe à pesquisa fiz uma divisão dos que utilizam do mascaramento expandido partindo de uma máscara no rosto e, à partir daí, fazendo a sua expansão como Mf Doom faz, Pavilhão nove, Daft Punk e Secos e Molhados.

A outra parte de *performers* musicais presentes na pesquisa, contém aqueles que utilizam do mascaramento expandindo criando uma nova persona um alter ego como de Tyler, the Creator, de Mad Lib e de David Bowie.

Neste segundo exemplo, os *performers* musicais mostram outros eu's ou personas em suas ações artísticas afastando qualquer possibilidade de artificialidade (uso da máscara apenas como decorativo, como fantasia sem compromisso com a composição visual da persona) na máscara revelando uma interioridade e consequentemente suas subjetividades. Os *performers* musicais apresentados no primeiro exemplo expõem suas subjetividades em ações mascaradas, trazendo características de um mascaramento expícito, visível, físico, como ocultamento da pessoa que usa a máscara.

A máscara física não impede o ator de realizar nenhum movimento ou ação; ela é, na verdade, um incentivo ao desenvolvimento de potências. (BRONDANI, 2017, p.18).

Pode gerar uma artificialidade, para quem vê de fora do mascaramento por conta da vestimenta, as vezes pela voz usada, pelo jeito de andar ou como o corpo performa ao andar, correr, comer, beber, dormir, etc, na verdade revela se aqui uma interioridade em seu mascaramento ou trabalho artístico.



Neste ponto, na busca por um melhor entendimento sobre a composição de um corpo mascarado repleto de personalidades, vontades, gostos e formas, volto as duas questões que atravessaram essa pesquisa e na questão do alter ego: Existe um resgate da memória autobiográfica na criação dos alter egos dos performers musicais? Como a partir do autobiográfico acontece a criação do mascaramento do alter ego em um trabalho artístico?

Pode-se definir o alter ego por uma identidade oculta de um ser fictício, uma personalidade alternativa de alguém que em geral se mostra com muitas características de seu criador.

Costa e Aquino (2015) desenvolvem uma importante localização para o alter ego:

Para discutir sobre o alter ego podemos vislumbrar dois caminhos possíveis: o da psicologia e o da literatura. Bock (1999), Furtado (1999) e Teixeira (1999) afirmam que de acordo com a segunda teoria do aparelho psíquico, reformulada por Freud entre 1920 e 1923, três conceitos são imprescindíveis para entender a mente humana. São eles: Id, ego e superego. O primeiro contém o reservatório da energia psíquica, onde estão as pulsões de vida e morte. É o inconsciente regido pelo prazer. O superego se origina da internalização de problemas, proibições, limites e autorizações. É no superego que se encontra a consciência das responsabilidades exigidas socialmente e culturalmente. É nesse ponto que se encontra o sentimento de culpa. Já o Ego é o equilíbrio entre ambas já citadas. Ele estabelece a divisão entre os impulsos do Id e as “ordens” do superego. Para a psicologia o conceito de alter ego “está relacionado à face secreta, ao ângulo desconhecido da identidade de uma pessoa, enquanto o ego, em contraposição, é definido como a fração rasa da mente, povoada por ideias, raciocínios, emoções.” (SANTANA, s.d.) (COSTA, AQUINO, 2015, P, 3)

Dos *performers* musicais citados acima, aprofundo a pesquisa em dois exemplos que utilizam do mascaramento expandido e do alter ego em seus respectivos trabalhos no meio musical.

São trabalhos com muitas encruzilhadas acontecendo ao mesmo tempo e possibilidades de compartilhamentos em um fluxo subjetivo e simbólico muito fortes.

O primeiro trabalho em performance é de Mad Lib e seu alter ego Quasimoto.

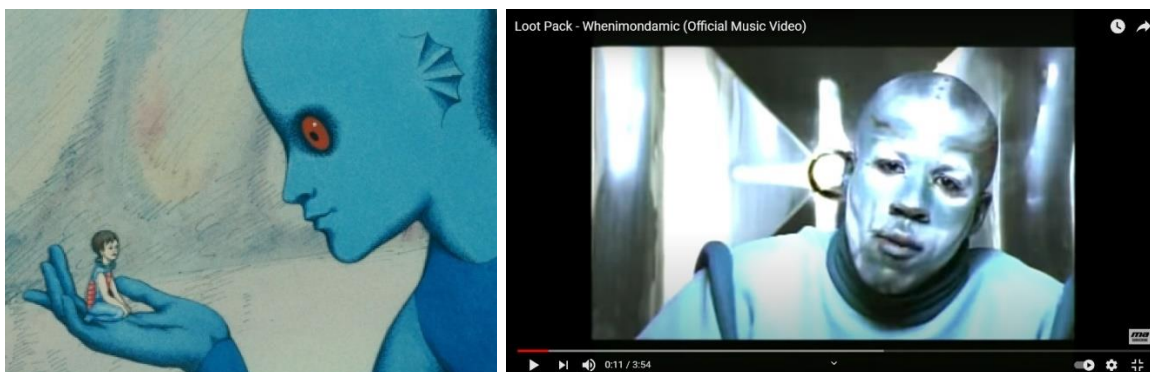
Quasimoto é o alter ego do músico Madlib<sup>20</sup> que em meados dos anos 90 após a ingestão de cogumelos alucinógenos começou a fazer experiência com a própria voz pois não gostava da entonação da mesma. Segundo informações da revista eletrônica Raplogia<sup>21</sup>:

Sua primeira aparição pública foi no clipe da faixa “Whenimondamic”, em 1999, lançada no disco “Soundpieces: Da Antidote” do trip Lootpack, formado por Madlib, Wildchild e DJ Romes, também lançado pela gravadora Stones Throw. Wildchild foi

<sup>20</sup> Madlib, nome artístico de Otis Jackson, Jr., é um DJ, multi-instrumentista, rapper, e produtor musical. É um dos mais prolíficos produtores de Hip-hop norte americano de 2000, conforme a crítica local.

<sup>21</sup> <https://raplogia.com.br/desconstruindo-genese-legado-quasimoto/> acessado em 22/02/2021 às 15:01.

quem fez as linhas de Quasimoto, que deveriam se parecer com as Draggs do filme-animação francês “La Planète Sauvage”, de 1973 (FIGURA 7 e 8).



Fotos: Filme: 07) La Planete Sauvage; 8) Quasimoto em clipe do Lootpack.

Na arte feita por Keith Beats no primeiro disco “The Unseen” Quasimoto pode ser visto como um ser semi-invisível (FIGURA 9), sentado no banco de trás do carro. O personagem como qual se apresenta atualmente, foi concebido pelo artista Jeff Jank. A concepção de Quasimoto (FIGURA 10) como um ser amarelo com focinho e sempre com um cigarro na boca foi acontecer para ilustrar a letra da faixa “bad Character” que personifica a imagem do Lord como um vilão apaixonado por cigarro, bebidas e mulheres. (AURÉLIO, Marco - 2019).



Fotos: 9) ser semi-invisível; 10) Quasimoto.

Na letra da música Bluffin<sup>22</sup> Quasimoto mostra que quem comanda sua mente e ações é MadLib:

“Quasimoto! Nos continuamos em outro nível/Lord Quas(outro nome de Quasimoto), Mr Budha-skeeta/Mad Lib controla o ritmos das cabeças... Qual seu nome? Lord Quas... Outra invenção de Mad Lib para atrair sua atenção... No viemos da caverna

<sup>22</sup> Quasimoto música Bluffin - <https://www.youtube.com/watch?v=ZXOI6qnP9I>

dos cirurgiões líricos... A gente se mantém limpo como uma máquina de lavar pública”

A todo momento na música Quasimoto se refere a Mad Lib como o guia nas ações e uma forma de pontuar bem esse lugar é no tratamento “Nos” presente na letra da música. Quasimoto, o alter ego de Mad Lib além de identificar Mad Lib como guia de suas ações seu condutor, se relaciona bem com Mad Lib dando a entender que Mad Lib também se relaciona bem com seu alter ego Quasimoto.

Mas são personas que se separam enquanto modos de estar mas que no modo de pensar das questões concordam com os pontos durante toda a música.

Nota se que a performance musical de Mad Lib perpassa por pesquisas e experimentações até chegar em uma máscara expandida final. Mad Lib utilizou de duas formas distintas a composição do ser alter ego.

O primeiro desague na composição desse mascaramento expandido é na vocalidade de Mad Lib, ele alterna no seu alter ego Quasimoto entre sua própria voz (mad Lib) e outra voz mais aguda. O detalhe que as duas vozes estão na composição da mesma máscara.

O segundo desague passou por um processo de experimentação em mascaramento que pode ser acompanhado na primeira aparição de Quasimoto no videoclipe Loot Pack – Whenimondamic e em outro momento na capa do disco como um ser semi-invisível até chegar por fim em seu mascaramento expandido físico com seu corpo amarelo, fumando um cigarro e com um tijolo na mão como no videoclipe Quasimoto - Low Class Conspiracy.

O *performer* musical Mad Lib percorreu todo um caminho para a construção do que ele hoje consolida nas músicas, encartes, nas capas dos discos, nos vídeo clipes como alter ego Quasimoto.

Tyler, The Creator também se estabelece em ações provenientes de alter egos no decorrer de seus trabalhos e com bastante intensidade. Tyler utiliza de vários alter egos que simbolizam aspectos que podem ser agrupados em raiva, violência e infantilidade.

Tyler, The Creator num geral, passa por uma análise que segue nos três primeiros discos onde ele reflete sobre sua infantilidade, dificuldade em se relacionar afetivamente com outras pessoas, bullying, suicídio, problemas para lidar com a fama e principalmente sobre as consequências do abandono paterno.

Na música “Bastard”<sup>23</sup> de Tyler, The Creator a letra já demarca a separação de sua persona com um alter ego chamado Dr. TC que é um terapeuta. Tyler, The Creator cria uma voz específica para este alter ego Dr.TC e nesta música “Bastard” tanto o alter ego Dr.TC como Tyler, The Creator dialogam em um jogo de perguntas e respostas dentro da uma terapia como no recorte abaixo:

“Oi Tyler/eu sou Dr. TC e hm.../acho que a professora te mandou aqui para conversarmos sobre mal comportamento/hm vão ser três sessões/hoje, amanhã e depois de amanhã hm.../então me diga algo sobre você/ É isso que o diabo toca antes de dormir/alimentos pros pensamentos isso é alimento pra a morte/vá em frente com essa porra/Meu pai esta morto... eu só quero o e-mail do meu pai/prá poder falar o quanto eu odeio ele em detalhes/wow/Hm.../então Tyler, se você tivesse a chance de falar com ele/o que você diria?”

A revista online “Oganpazan”<sup>24</sup> descreve um pouco da complexidade dos trabalhos de Tyler, The Creator e suas relações com o alter ego ao longo de seu trabalho:

Dr. TC é apresentado em Bastard como o psicólogo que realizará algumas sessões com ele para tentar trabalhar sua raiva. Nesse contexto ele é a representação do superego do Tyler que tenta controlar seus impulsos destrutivos através dessas sessões de terapia. Ace, the Creator, que já havia sido utilizado por Tyler nos trabalhos anteriores da Odd Future como pseudônimo para produzir e rimar em algumas faixas anteriores aos discos solo, em Bastard representa o impulso para o suicídio e a raiva. Tron Cat é a violência, a voz na cabeça do Tyler que o manda fazer coisas ruins. No álbum WOLF surgem outros dois alter-egos, Sam e Wolf. Sam é a representação da infantilidade, imaturidade e dependência. Ele compõe o triângulo amoroso do disco, junto com Wolf e Salem, namorada de Sam. Wolf no álbum homônimo parece ser um duplo do Tyler. Alguém em quem ele projeta tudo aquilo que ele não é e o que ele intimamente desejava ser na adolescência. Ou seja, o que Tyler fez em Wolf foi quase um Clube da Luta fonográfico. Wolf é apresentado nos clipes de Goblin, primeiro álbum de Tyler, quase sempre de moletom, encapuzado e com uma máscara verde. Além de representar esse duplo Wolf também representa, sob o vulgo de Wolf Haley, o Id do Tyler que faz oposição ao superego (Dr TC) e o pseudônimo que Tyler usa para dirigir seus clipes. Em Sam is Dead Tyler deixa claro o que a trilogia de fato representou. Sam is Dead é a morte da imaturidade do Tyler e a passagem para a vida adulta. No videoclipe é encenada uma guerra, que lembra a guerra do Vietnã, e Tyler vestido de militar mata seus alter egos com tiros na cabeça. Em Flower Boy alguns desses alter egos fazem uma pequena aparição no clipe de 911\Mr. Lonely mas não têm grande importância no disco.

Em Igor Tyler se vê novamente em um triângulo amoroso, mas dessa vez ele não disputa uma mulher com outro homem e sim um homem com uma mulher. Isso fica claro em versos como, “Man, I wish you would call me (skate), By your name ‘cause I’m sorry (four)” e “‘Cause this parka is Comme, you’re my favorite garçon”, entre

<sup>23</sup> Música “Bastard” Tyler, The Creator <https://www.youtube.com/watch?v=2BK9dMniL9o>

<sup>24</sup>Link: <https://oganpazan.com.br/tyler-the-creator-igor-e-o-conflito-das-suas-personas/#:~:text=Igor%20%C3%A9%20o%20alter%20Dego,quanto%20a%20pr%C3%B3pria%20manifesta%C3%A7%C3%A3o%20dele>. Acessado em 22/02/2021 às 19:19.

outros. *Call Me By Your Name* é um filme de 2017 que narra o relacionamento amoroso entre dois homens, os personagens Elio e Oliver, que aliás são citados em outra uma faixa solta do Tyler, The Creator, *Gelato* [2], e “Garçon” em francês significa garoto ou menino.

Sam, o alter-ego que representa a infantilidade, desconfia de que sua namorada, Salem, está traindo-o com Wolf e ameaça ela. Na descrição do videoclipe no Youtube Tyler diz que “Wolf Performs Sams Song, Sam Performs Wolf Song”, ou seja, quem atua no clipe é Wolf, embora a música seja sobre Sam. Isso mostra que os dois são na verdade a mesma pessoa e que qualquer um dos dois que estivesse ali iria agir da mesma forma. (FARIAS, André – 2019)

Considero os trabalhos do Tyler, The Creator em um constante movimento de personas que na mesma situação que surgem vários alter egos com suas características, formas, gostos, peculiaridades e estar social, de alguma forma os próprios alter egos são mortos subjetivamente em seu processo artístico. É como se cada alter ego carregasse uma dramaturgia e um modo de ser e de estar por um determinado momento da vida, e após um encerramento de ciclo vivido é morto. Em muitos casos após a morte de um alter ego surge outro completamente diferente como numa constante evolução.

Na música “Yonkers”<sup>25</sup> ele mata seu alter ego “Globlin” como pode ser visto no vídeo clipe e também na letra da música:

“Um maldito Globin/foda-se tudo mano/foi o que minha consciência disse/então ele pulou do meu ombro e agora minha consciência tá morta/agora o único “guia” que eu tinha tá espatifado no chão/ações falam mais que palavras/me deixa tentar essa merda”

Tyler, The Creator é inventivo e traz segundo mostra nos vídeos clipes, entrevistas, nas letras das músicas e em suas *performers* musicais seu repertório de vida como potencialidade em sua criação artística.

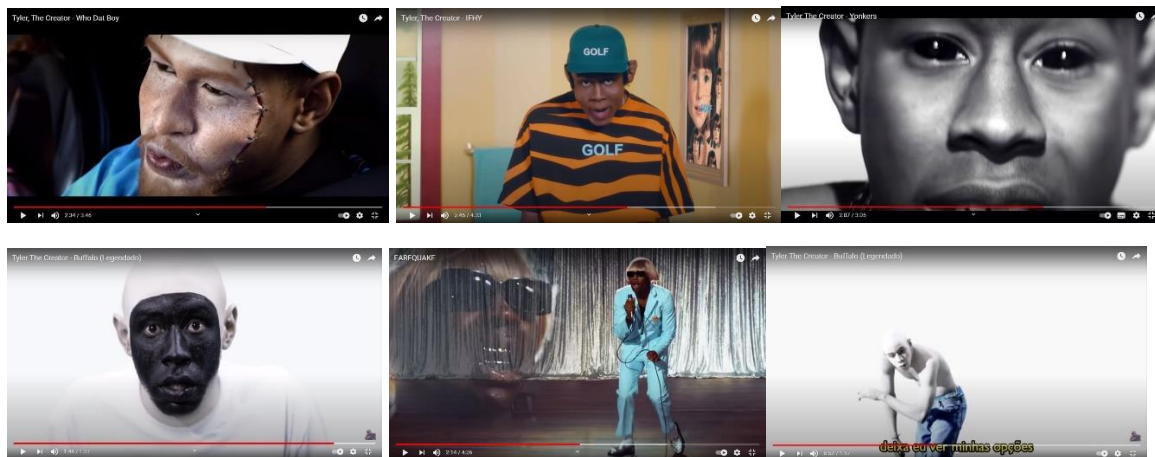
É um emaranhado de complexidades humanas, se relacionando em sua criação artística e em sua própria vida e expandido em personas.

Um ponto muito importante a ser avaliado é que, tanto Quasimoto quanto Tyler, The Creator são *performers* musicais negros e que em seus trabalhos artísticos a questão racial perpassa a todo momento.

Tyler, The Creator tem na maioria das *performers* musicais que estabelece, alter egos brancos com características fortes de racismo, sexismo, homofobia e discriminação demonstrados nos

<sup>25</sup> Música “Yonkers” Tyler, The Creator <https://www.youtube.com/watch?v=AL8BPI-m6tE>

vídeos clipes e criações artísticas. Principalmente nos vídeos clipes a questão do mascaramento expandido é mostrada e como essas máscaras atuam. (FIGURA 11, 12, 13, 14, 15, e 16)



Fotos: 10,11,12,13,14,15 e 16) Tyler, The Creator e seus alter egos.

Mad Lib e Tyler, The Creator utilizam o mascaramento dos alter egos tendo como ponto de partida suas histórias e vivências passadas que de alguma forma ainda habitam em seus corpos base pela memória e que se relacionam com o presente em seus trabalhos. Os deslocamentos que o mascaramento expandido possibilita, são exercidos pelos dois artistas, performando suas referências, experiências autobiográficas e suas tensões sociais, políticas, culturais, raciais e econômicas que eclodem no mascaramento do alter ego.

Neste ponto uma aproximação do primeiro questionamento pode-se estabelecer, existe um resgate da memória autobiográfica na construção do alter ego dos *performers* musicais?

Acredito que os *performers* musicais apresentados podem sim através da memória autobiográfica construir seus alter ego porém em determinadas situações me parece que nem sempre é um resgate, pelos exemplo citados pode ser que certas questões não são resgatadas e sim transportadas da persona para o alter ego.

Na segunda questão, como a partir do autobiográfico, acontece a construção do mascaramento do alter ego em um trabalho artístico? Podemos aproximar de um entendimento que o mascaramento pode se dar de várias formas, mas todas no presente e a partir do presente se tornar multifacetadas como no caso do *performer* musical de Tyler, The Creator. Também podemos aproximar de momentos como da construção e experimentação do *performer*, como o no caso de Quasimoto que também se realiza no presente no seu estar em relação ao outro e com o meio social no qual transita e se constrói.

As máscaras são como ícones, uma espécie de portais de acesso a todo um universo imaginário, a toda uma forma de compreensão de mundo (BRONDANI, 2017, p.16).

É um estar constante de modos de mundo que um corpo social rotineiro não dá conta de suportar e o abrigo ou acolhimento dessa multiplicidade autobiográfica vão se dar na performance e no mascaramento. É na performance mascarada que o acolhimento afetivo multifacetado do ser acontece sem distinção ou regras impostas para acessá-lo.

A arte acolhe mesmo no pior momento como o que temos passado durante essa pandemia da Covid-19 a arte acolhe.



## CRIAÇÃO “CABARÉ BOGUS - DISK LIVE SHOW”

Como dispositivo de potencialidades, os discos de vinil fizeram todo um percurso ampliado até aqui, potencializando seu fazer sonoro além da estante de discos e muito além das caixas de som, motivado em uma escuta positiva, ampliada, e portanto, um modo de criação também expandido. Por isso, a ação performativa deles desencadeada se alia à ideia de um mascaramento expandido.

Das ações em performance “líneas y spacios” <sup>26</sup> “ações para os ouvidos” <sup>27</sup> e “ações para os ouvidos nº1” <sup>28</sup> realizadas durante o ano de 2020 com os discos de vinil, que foram as primeiras criações que realizei, o colocar do corpo em ação trouxe diferentes formas de deslocamento do disco de vinil, materializando esse modo diferente de mascaramento.

Féral, (2015, p.145) aponta a “prevalência do corpo” em ação na performance. Toda performance gira em torno do corpo, “servindo-se dele como de uma ferramenta, e inscrevendo o humano nas coisas até os limites do possível”.

É como em um ciclo de ida e volta do corpo com o disco, do disco com o corpo, mediado pela performance e nessa mediação o corpo e os discos de vinil se mesclam se tornando um. Nas três performances realizadas pelo autor, um elemento torna a performance única em cada apresentação e esse segundo Fernandes (2011, p.17) esse elemento é a performatividade.

Pavis (2017, p.234) descreve: “Performatividade”, por em ação, que assume, todas as formas imagináveis, nos espetáculos, como na vida social. A performatividade além do campo da performance atravessa o teatro, reagrupa para além de uma representação cênica sob a direção de um encenador fazendo surgir a expressão teatro performativo segundo Féral (2015) pois o deslocamento é a ênfase para a realização da própria ação.

Nesse deslocamento do teatro performativo a continuidade de experimentação entre o corpo e o discos de vinil se faz presente através de *lives* realizadas pelo autor via Facebook e Instagram com discotecagem dos discos de vinil. Nessa, a interação com o público se fez presente ao vivo onde os espectadores faziam pedidos de músicas e estilos musicais diferentes além da história dos músicos, de como o disco de vinil chegou, suas recordações e épocas. Ocorreram várias *lives* durante o ano de 2020 em vários horários e dias diferentes durante a pandemia

<sup>26</sup> Performance realizada para o Festival de Performance León – México/Brasil 2020 <https://www.youtube.com/watch?v=W59XmIVbXkc> acessado em 19/03/2021

<sup>27</sup> Laboratório de Performance: En busca del yo – México/Brasil 2020 [https://www.youtube.com/watch?v=5p-OjA\\_3BB8](https://www.youtube.com/watch?v=5p-OjA_3BB8) acessado 19/03/2021

<sup>28</sup> Cruza ou Inventário de um Erotismo Coletivo Programa Prática como Investigação/LIPA, o laboratório/residência - Colégio das Artes da Universidade de Coimbra – Portugal/Brasil 2020 <https://www.youtube.com/watch?v=bKngkIetejs> acessado 19/03/2021



Com o auxílio do diretor teatral Juarez Diaz <sup>29</sup> convidado para somar na direção de uma futura experimentação teatral performativa, a escrita autobiográfica foi solicitada por ele tendo os discos de vinil como base. Foi sugerido escolher 10 discos de toda coleção de 3.000 onde após a escolha fosse realizada uma escrita autobiográfica sobre cada um dos discos buscando lembranças da época, vivências, personagens...

Neste momento da escrita e escolha dos discos, a persona ou alter ego *Bogus* veio a toma por conta das relações com os 10 discos escolhidos e as vivências e fases que estes discos traziam. A escolha pelos discos se deu de forma aleatória onde foi percebido uma relação muito forte de quase todos os discos serem do período do final da infância e começo da adolescência até a fase adulta do autor, período onde o alter ego *Bogus* esteve mais presente com suas ações, vivências e descobertas. Período onde o autor foi desenvolvendo e se entendendo enquanto um ser cultural, influenciado por vários e vários caminhos e grupos, tentando se entender e se aproximar de um entendimento de mundo. Na escrita, eclodiram sensações, vontades, desejos, repulsas que foram experimentadas pelo corpo do autor no presente momento da escrita. Embora a memória ativasse mecanismos de busca de um passado que já não existe, as demais partes do corpo (como em um corpo memória) foram resgatando e respondendo a cada disco, a cada música, a cada fase de *Bogus* de uma forma diferente do passado porque ele já está no aqui agora.

Este trabalho ainda se encontra em processo de experimentação, aberto e em constante encruzilhada artística, passando por personas como *Bogus*, *Márcio Bogus*, *Jorginho*, *Márcio* e *Murari* sempre ativado pela pesquisa dos discos de vinil. E nessa fase de confinamento social o se perde e se reencontrar no andar da sala ao quarto, do quarto ao banheiro, do banheiro a cozinha, da cozinha a sala desaguando diariamente nos discos de vinil é constante.

Tentando nesta fase pandêmica, entender a performatividade que conduz o fazer artístico atual por meio da tela de led.

A aproximação dessa performatividade condutora pode estar pelo fato de demarcar que estamos vivos. Mesmo diante a tantas mortes, o isolamento social realizado por parte da população mundial, ainda estamos vivos e isso precisa ser eclodido artisticamente ou não.

É histórico.

A fase pandêmica continua.

---

<sup>29</sup> Escritor, diretor teatral e professor do Departamento de Comunicação Social da FAFICH/UFMG. Doutor em Artes Cênicas (Unirio), Mestre em Literatura (PUC-MG) e Bacharel em Comunicação Social (Uni-BH).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, percebemos que a partir do autobiográfico, o desenvolvimento de trabalhos em ações performáticas pode ser realizado de várias formas. Nestas composições do ser pelo filtro artístico, o alter ego encontra acolhimentos e se personificam desaguando suas vontades e modos de ser e viver no mascaramento expandido. Nessas construções que já acontecem no cenário musical de diferentes formas de abordagem, a memória é utilizada como representação do simbólico, ajudando a composição do alter ego com um mascaramento expandido fazendo com que o corpo e os objetos (no caso os discos de vinil) alternem e se misturem na ação performática.

Aqui o alter ego mascarado ultrapassa qualquer tipo de limite imposto, como no caso de Tyler, The Creator, que além de personificar vários alter egos em performances musicais, chega ao entendimento de que determinado momento é necessário matar algum deles e em seguida, desenvolver outra máscara expandida por outro alter ego.

Durante a pesquisa, foi importante investigar se existiria um resgate da memória autobiográfica na criação dos alter egos dos performers musicais. Por vezes compreendi que sim pelos significados e caminhos que os *performers* percorreram e suas transformações. Mas, como não me é possível usar de outro instrumento de pesquisa que me ajude na confirmação disso, resta-me aqui somente fazer esta indagação, mostrando a riqueza da manifestação artística e de vida desses performers que aqui citei.

O acolhimento de autobiografias diversas pela literatura, pela música e pelo teatro performativo é muito importante em tempos como o que estamos vivendo, pois é colocando o corpo em ação performática que podemos ampliar nosso modo de ser e de estar enquanto seres humanos sensibilizados e enquanto uma possibilidade de sociedade mais equânime, afetuosa e acolhedora mesmo em momentos tão complexos como o da pandemia da Covid-19.

Continuemos...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Moisés José de Melo; COSTA, Luis Artur. **A ficção como dispositivo para problematizar as tecnologias de si: alter ego, autoajuda e escrita de si.** Mnemosine Vol.15, nº1, p. 352-372 (2019) – Parte Geral – Artigos;

BERNSTEIN, Ana. A Performance solo e o sujeito autobiográfico. Portal Revista USP: **Sala Preta**;

BRONDANI, Joice Aglae. **Bufão: máscara e conexões rituais.** Concept., Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 15-34, jan./jun. 2017;

CABALLERO, Ileana Diéguez. Liminaridades: práticas de emergência e memória. **O Percevejo** Online – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UNIRIO. O Percevejo Online| V. 8, n. 2 | p. 49-59 | jul. / dez. 2016;

COSTA, Ivan Andrey; AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **O alter ego na cultura pop através do clip You and.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015;

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O corpo em experiência. Revista do LUME – **Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais** – UNICAMP. N.4, Dez. 2013;

FABIÃO, Eleonora. Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. Portal Revista USP: **Sala Preta**. R.4-A4, – Eleonora Fabião **PMD** (2009);

FERÁL, Josette. Por uma poética da performatividade o teatro performativo. Portal Revista USP: **Sala Preta**: R4-A1-JosetteFeral.PMD - 5/04/2009, 08:25;

FERNANDES, Sílvia. Teatralidade e Performatividade na Cena Contemporânea. **Repertório**, Salvador, nº 16, p.11-23, 2011;

JÚNIOR, José Benedito Almeida. **A dialética das máscaras: o jogo de ocultação e revelação no trabalho do ator**. Concept., Campinas, SP, v. 6, n. 1, p. 35-47, jan./jun. 2017;

KONESKI, A. P. Corpo visual e corpo performático: experiência das artes. In: Edécio Mostaço; Isabel Orofino; Stephan Baumgärte; Vera Collaço. (Org.). **Sobre Performatividade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009, v. 1, p. 243-265;

LEONARDELLI, Patricia. Teatralidade e Performatividade: espaços em devir, espaços do devir. PPGAC - **CENA 10** ISSN 2236-3254;

LOPES, Beth. A Performance da memória. Portal Revista USP: **Sala Preta** - R2-A1-BethLopes.PMD - 13/05/2010, 16:05;

MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: Corpo lugar da memória. Letras nº26 – **Língua e Literatura: Limites e Fronteiras** – Programa de Pós Graduação em Letras – PPGL/UFSM;

PAULINO, Rogério Lopes da Silva. **As máscaras andarilhas: o ato de deslocar-se e o mascaramento na criação de intervenções teatrais**. Belo Horizonte: TU/UFGM. Professor EBTT (DIV-1). Ator e diretor do Teatro&Cidade – Núcleo de Pesquisa Cênica do TU/UFGM;

PAVIS, Patrice. **Dicionário Da Performance Do Teatro Contemporâneo**. Editora: Perspectiva. 1ªEdição – 2017;

PECH, Andrea. Performance, teatralidade e contemporaneidade. Revista **Landa** – Volume 6 Nº1, 2017;

PEREIRA, Ipojuca. (2018). **Corpo/Objeto: o “mascaramento” na cena contemporânea brasileira**. Móin-Móin - Revista De Estudos Sobre Teatro De Formas Animadas, 1(07), 014-026;

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade** – Campinas,SP: Editora da Unicamp, 2013;

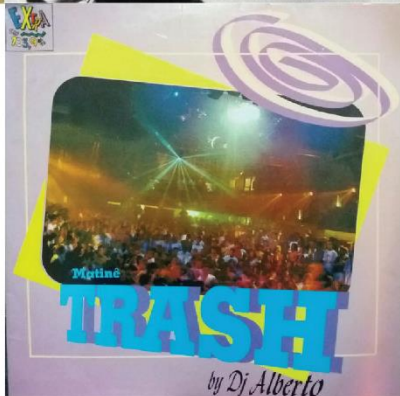
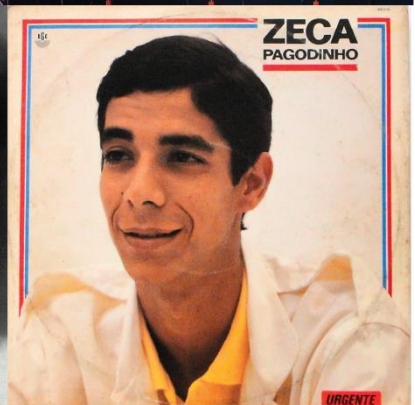
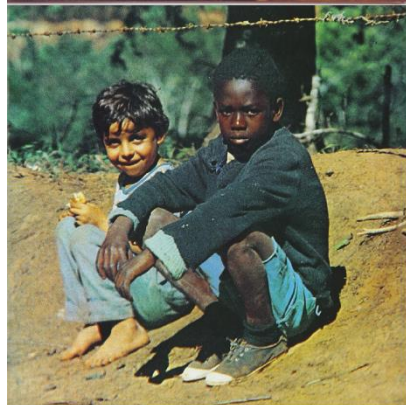
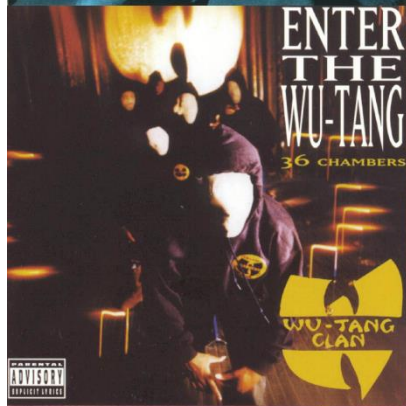
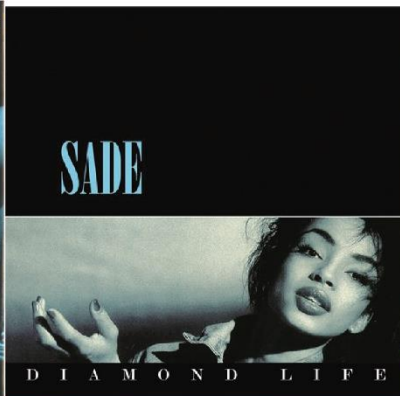
REDONDO, Mário Daniel Nunes Penim. **Não seja assim! Personagens – alter ego e encenação.** Instituto Politécnico de Lisboa – Escola superior de Teatro e Cinema – Lisboa, Junho 2012;

RIBEIRO, Rita. (2020). **A máscara sem metáfora: biopolítica e micro-práticas na pandemia de COVID-19.** In M. Martins & E. Rodrigues (Eds.), *A Universidade do Minho em tempos de pandemia, Tomo I – Reflexões*, Braga: UMinho Editora. ISBN: 978-989-8974-28-0, 32-43. DOI: 10.21814/uminho.ed.23.3;

ROSSONI, Camila Amanda. **“Quando quis tirar a máscara estava pegada à cara”.** Uma leitura da poética do desassossego em Fernando Pessoa. Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Pato Branco – 2018;

SILVA, Renata Teixeira Ferreira da. **Performance do encontro: a experiência de si, do outro e da cidade como busca poética.** Pós: Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 136-147, maio 2016;

FEIX, Tania Alice. **Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos.** Revista Palco – 2014.



## **REFERÊNCIA FONÓGRAFICAS**

### **Daft Punk – Homework**

Parlophone

País: França

Lançado: 1997

Produtor: Thomas Bangalter, Guy-Manuel de Homem-Christo

### **David Bowie - The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars**

RCA Victor

País: Eua

Lançado: 1972

Produtor: David Bowie, Ken Scott

### **Djavan – Coisa de acender**

Sony Music Entertainment

País: Brazil

Lançado: 1992

Produzido por: Ronnie Foster e Djavan

### **Doom And Madlib – Madvillain**

Stones Throw

País: Eua

Lançado: 2004

Produtor: MadLib e Doom

### **John Coltrane – Blue Train**

Blue Note

País: Eua

Lançado: 1957

Produtor: Alfred Lion

**Lootpack – Soundpieces: Da Antidote!**

Stones Throw Comics Group

País: Eua

Lançado: 1999

Produtor: Mad Lib

**Matinê Trash by DJ Alberto**

Selo: Not On Label – TRASH 01

País: Brazil

Lançado: 1994

Gênero: Eletrônica

**Mf doom – Operation: Doomsday**

Fondle Records

País: Eua

Lançado: 1999

Produtor: Mf Doom

**Milton Nascimento Lô Borges - Clube da Esquina**

Produtor Fonográfico: Industriais Elétricas e Musicais Fábrica Odeon S.A.

País: Brasil

Lançado: 1972

Diretor de Produção: Milton Miranda

**Pavilhão 9 – Cadeia Nacional**

Paradoxx Music

País: Brasil

Lançado: 1996

Produtor: Beto Machado, Edu-K



**Quasimoto – The Unseen**

Stones Throw Records

País: Eua

Lançado: 2000

Produtor: Mad Lib

**Racionais Mc's – Raio X do Brasil / Liberdade de Expressão**

Zimbabwe Records

Licenciada: Warner Music Brasil Ltda/Continental

País: Brasil

Lançado: 1994

**Reggae Hits**

Som Livre

País: Brasil

Lançado: 1990

Gerente de Produto: Toninho Paladino

**Sade – Diamond Life**

CBS - Epic Records

País: Brasil

Lançado: 1985

Produtor: Robin Millar

**Secos e Molhados**

Continental

País: Brasil

Lançado: 1973

Produtor: Moracy do Val

**Thaide e Dj Hum – Preste Atenção**

País: Brasil

Lançado: 1996

Produtor Fonográfico: Brava Gente Produções

Direção Artística: Vagner Garcia

**Tyler, The Creator – Bastard**

F.M.F Entertainment

País: Eua

Lançado: 2009

Produtor: Tyler, The Creator

**Wu-tang Clan – Enter The Wu-tang 36 Chambers**

Loud Records - RCA

País: Eua

Lançado: 1993

Gravação: 1992/1993

**Zeca Pagodinho**

GE

País: Brasil

Lançado: 1986

Produzido e dirigido por: Milton Manhães